ESPAÇO EM REVISTA

ISSN: 1519-7816

https://periodicos.ufcat.edu.br/espaco

JUVENTUDE UCRÔNICA: a experiência juvenil em ocupação de terras urbanas

Douglas Gonsalves Fávero[1]

Sérgio Paulo Morais[2]

FÁVERO, Douglas Gonsalves; MORAIS, Sérgio Paulo. JUVENTUDE UCRÔNICA : a experiência juvenil em ocupação de terras urbanas. **Espaço em Revista**, Catalão, v. 27, n. 1, p. 174-198, 2025. DOI: https://doi.org/10.70261/er.v27i1.74971 Disponível em: https://periodicos.ufcat.edu.br/index.php/espaco/article/view/74971

Esta obra está licenciada com uma Licença CC BY 4.0 . Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original.

Recebido: 21/02/2025 | **Aceito:** 06/04/2025 | **Publicado:** 08/07/2025

Resumo

Este trabalho apresenta os resultados sobre uma pesquisa realizada entre 2015 e 2017 que buscou analisar modos de vida de jovens em uma ocupação urbana em Uberlândia – MG. Partimos, orientados pelo materialismo histórico, de um diálogo entre a pesquisa empírica – por meio da combinação de um *survey* com entrevistas de história oral –, bibliográfica e documental, culminando na categoria experiência juvenil. Assim, após uma apresentação teórica e metodológica sobre os caminhos percorridos, organizamos a exposição entre reprodução do ser social – que envolve as relações de moradia, familiares, de trabalho e educação – e sociabilidade – abarcando o lazer, o tempo livre e as relações em torno da religião e da violência. Por fim, concluímos com a noção de ucronia, em que os jovens acabam assumindo uma noção hegemônica de juventude que não vivenciam, sobretudo pelas situações e condições de classe.

Palavras-chave: Condição Juvenil. Modos de vida. Classe. Limites e pressões.

UCHRONIC YOUTH: THE YOUTH EXPERIENCE IN URBAN LAND OCCUPATIONS

Abstract

This paper presents the results of research carried out between 2015 and 2017, which sought to analyze the ways of life of young people in an urban occupation in Uberlândia – MG. We begin, guided by historical materialism, with a dialogue between empirical research – trough the combination of a survey and oral history interviews –, bibliographic, and documental research, culminating in the concept of youth experience. Thus, after a theoretical and methodological presentation of the paths covered, we organized the exhibition between reproduction of the social being – involving housing and family relations, work and education – and sociability – encompassing leisure, free time, and relationships around the religion and violence. Finally, we conclude with the notion of uchronic, in which young people end up assuming a hegemonic notion of youth that do not experience, especially duo to class situations and conditions.

[1] Doutor em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, Brasil, e-mail: faverodg@gmail.com.br

[2] Professor Titular em História na Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, Brasil, e-mail: sergio.paulo@ufu.br

Keywords: Youthful condition. Way of life. Class. Limits and pressures.

Introdução

O presente trabalho apresenta resultados de uma pesquisa realizada entre 2015 e 2017[1] em uma ocupação urbana, hoje em processo de regularização como bairro, em Uberlândia – MG. A pesquisa buscou apreender os modos de vida dos jovens e como a experiência juvenil se realiza sob a situação de periferia e, principalmente, de ocupação urbana. A ocupação foi batizada como Élisson Prieto, em homenagem a um professor da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), apoiador do movimento. Na época do estudo, a ocupação foi realizada pelo Movimento dos Sem-Teto do Brasil (MSTB), uma organização local que, posterior ao término da pesquisa, se inseriu e assumiu a bandeira dos Movimentos dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST).

Para a realização da pesquisa optamos inicialmente por um *survey* descritivo (Babbie, 2003; Barbetta, 2002; Levin, 1978) a fim de uma aproximação e uma compreensão inicial dos perfis dos jovens da ocupação, orientando, posteriormente, as entrevistas de história oral. Foram realizados 173 questionários estruturados de maneira estratificada, sistemática e aleatória, buscando maior representatividade. Com uma confiança de 95%, obtemos uma margem de erro de 7,5% para mais ou para menos, a partir da estratificação por idade e sexo pelas médias de Uberlândia, Minas Gerais e Brasil. Os resultados do *survey* foram sistematizados em um documento denominado *Perfil dos Jovens do Bairro Élisson Prieto* (Perfil..., 2015).

A análise quantitativa, mostrando uma imagem estática de um processo, possibilitou uma aproximação dos sujeitos da pesquisa, orientando, inclusive, as entrevistas de história oral. A combinação entre estatística e história oral se mostrou uma forte ferramenta na busca de padrões e modos de vida dos jovens da ocupação. Para Vilanova (1994), as fontes estatísticas podem levantar perguntas que somente as qualitativas podem responder. Dessa forma, buscamos com as fontes orais sair do que Thompson (2012) denomina “padrões de vida” para os “modos de vida”, de forma que:

> Da alimentação passamos à moradia, da moradia à saúde, da saúde à vida familiar, e desse ponto ao ócio, à disciplina no trabalho, à educação e lazer, à intensidade do trabalho, e assim por diante. Do padrão de vida, passamos ao modo de vida. Mas eles não significam a mesma coisa. O primeiro é uma medida de quantidades; o segundo, uma descrição (e, às vezes, uma avaliação) de qualidades. Enquanto as evidências estatísticas são apropriadas para o

> primeiro caso, precisamos confiar em "dados literários" para o segundo (Thompson, 2012, p. 42-43).

Assim, buscamos, com a história oral, as experiências dos sujeitos – como uma elaboração mental, individual ou coletiva, de uma gama de acontecimentos (Thompson, 1981, p. 15) –, tentando captar e adentrar na intensidade do vivido. Os dados estatísticos podem amenizar uma situação vivida, como assinala Portelli (1997, p. 17), em que "[...] o escravo que foi punido com cem chibatadas pode esclarecer mais a instituição da escravatura do que aqueles que foram chicoteados 0,7 vezes por ano", criticando a leitura de uma possível escravidão branda nos Estados Unidos da América.

Destarte, foram realizadas oito entrevistas de história oral[2] – escolhidas de forma a contemplar a maior representatividade e diversidade entre os perfis encontrados – buscando as experiências compartilhadas das comuns determinações sociais vividas, uma vez que a história oral, por lidar com a memória, traz um fato e, ao mesmo tempo, uma interpretação/representação sobre o fato. Portanto, as experiências narradas foram informadas pelo contexto, mas também informam o próprio contexto (Portelli, 2002). As entrevistas foram transcritas e agrupadas em um documento: *Entrevistas de História Oral dos Jovens do Bairro Élisson Prieto*, o qual seguimos a paginação nas citações.

Ainda, valemo-nos de um diálogo com dados e pesquisas institucionais (IBGE, 2013, 2015; Secretaria Nacional de Juventude [SNJ], 2013), assim como a produção teórica sobre juventude (Abramo, 2005; Dayrell, 2001, 2003, 2007; Groppo, 2000, 2004, 2010; Peralva, 1997; Sposito, 2004). Nesse diálogo, a pesquisa bibliográfica e documental orientou tanto o *survey* quanto a história oral, da mesma forma que estes serviram de base para uma releitura crítica da literatura, visto que, nesse diálogo, muitas das questões esboçadas pelos estudos sobre juventude a partir da categoria condição juvenil não apareciam em nossa pesquisa.

Nesse sentido, o diálogo da pesquisa empírica com a teoria nos fez seguir outros caminhos, nos quais os estudos sobre juventude se mostraram mais como uma orientação do que como uma regra, sobretudo pela particularidade de tratarmos da investigação de modos de vida de jovens de periferia e de ocupação urbana. Dessa forma, buscamos os dois diálogos do conhecimento científico na proposta denominada por Thompson (1981) como lógica histórica: o diálogo entre ser social e consciência social – que dá origem à experiência – e o diálogo entre a organização teórica e as determinações concretas do objeto estudado.

Nesta exposição buscamos demonstrar como a vivência da juventude na periferia e, em especial, na ocupação urbana traz distintas experiências de jovens de outros setores, em que

muitas vezes parece ser negado o próprio direito de viver a juventude. Essa diferença perpassa por limites mais estreitos e pressões mais intensas. Dessa forma, iniciamos por uma discussão sobre a condição juvenil e, ancorados no materialismo histórico, a passagem para a experiência juvenil, indicando nossa compreensão sobre as determinações sociais como limites e pressões.

Em um segundo momento apresentamos os resultados da pesquisa organizados em torno da reprodução do ser social – perpassando as relações de moradia, familiares, de trabalho e educação – e da sociabilidade juvenil – abrangendo o tempo livre, o lazer e relações na esfera da religião e da violência. Por fim, concluímos apresentando a noção de ucronia, sugerindo que a juventude para os sujeitos estudados é vivida mais como expectativas do que possibilidades concretas, sobretudo pelas condições de classe.

Da condição juvenil à experiência juvenil – uma questão epistemológica

Na literatura sobre juventude encontramos diversas concepções epistemológicas e diferentes formas como essa categoria social é e foi tratada. Apesar dessas diferentes concepções, nosso diálogo consiste com autores que compreendem a juventude como uma categoria social e histórica. Mesmo nessas, encontramos grande diversidade que não pretendemos apresentar aqui, até mesmo por limitação de espaço.

Entretanto, há, no Brasil, um certo consenso em compreender a juventude como uma condição juvenil e uma situação vivida (Abramo, 2005; Dayrell, 2001, 2003; Groppo, 2000, 2004, 2010; Peralva, 1997; Sposito, 2004). Sendo a:

> [...] *condição* (o modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo da vida, que alcança uma abrangência social maior, referida a uma dimensão histórico-geracional) e *situação*, que revela o modo como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais – classe, gênero, etnia (Abramo, 2005, p. 42, grifos da autora).

Ademais, para a autora, e seguida pela sociologia da juventude, o conteúdo da condição juvenil se expressa a partir da dimensão de uma "moratória social". Tal concepção resulta em deslocar a compreensão da juventude de uma fase de vir a ser, ou de uma perspectiva geracional, para um momento da vida que, na dimensão contemporânea, resultaria em um prolongamento da vida escolar e na tutela familiar, assim como uma postergação na entrada no mundo do trabalho (Abramo, 2005, p. 41-42).

Nesse sentido, partindo da dimensão da moratória, trata-se de conceber como a condição juvenil é vivida pelos diferentes setores e extratos sociais, implicando em diversas maneiras de ser e conceber, portanto, as juventudes. Apesar desse solo comum, muitas são as possibilidades analíticas da juventude, como as sugestivas noções de dialética da condição juvenil (Groppo, 2010) e do jovem como um sujeito social (Dayrell, 2003).

A primeira sugere que a juventude se expressa na relação de grupos informais, ou seja, grupo de pares homogêneos; frutos da modernidade[3]. Dessa forma, indica uma possibilidade analítica advinda do duplo movimento de interação social e autonomia, que implica na relação da condição juvenil entre sociedade versus indivíduo e grupos juvenis, engendrados por contradições envolvendo integração e inadaptação, socialização e formas diferentes de ser, homogêneo e heterogêneo, culturas e subculturas (Groppo, 2010, p. 19)[4].

Por outro lado, a formulação do jovem como um sujeito social busca compreender as formas que os jovens constroem seus modos de ser, considerando a juventude em sua diversidade e em um processo de socialização mais amplo (Dayrell, 2001, 2003). Para o autor, a noção de sujeito social consiste em uma construção em que, ao mesmo tempo, o sujeito está em relação com outros e em determinado lugar na estrutura social, que tem uma história e dá sentido ao mundo que vive, interpretando-o. Dessa forma, o sujeito seria ativo, produzindo-se por sua própria ação e ao mesmo tempo sendo produzido pelas relações sociais em que está inserido (Dayrell, 2001, 2003).

No caso, a pesquisa de Dayrell buscou analisar jovens produtores musicais, sobretudo de *rap* e *funk*, levando o autor a adotar uma centralidade analítica nos "estilos" na sociabilidade juvenil. Esses constituiriam em uma combinação de elementos culturais, tendo a música como central, manifestando-se em linguagem própria, expressões, gírias, elementos estéticos e espaços de sociabilidade próprios (Dayrell, 2001, p. 26). Essa dimensão seria importante na constituição da experiência juvenil, implicando em "modos de ser jovem", colocando "em questão as imagens, ou um certo 'modelo' de juventude" (Dayrell, 2003, p. 49).

Apesar da proximidade em torno da experiência juvenil, a noção de estilos não contribuiu muito para nossa pesquisa por estudarmos jovens de maneira geral, em um território específico, excetuando a centralidade que a música apresentou para a pesquisa realizada por Dayrell. Pudemos encontrar manifestações de estilos em alguns dos participantes, mas não foi uma questão que se expressou de maneira significativa. Com isso, não questionamos o uso dessa categoria, apenas afirmamos que em nosso caso essa não se aplicou, sobretudo pelas

diferenças entre sujeitos e enfoques por nós analisados, levando-nos a buscar outras ferramentas analíticas[5].

Ainda, as formulações de Dayrell nos colocaram, a partir do questionamento dos modos de ser jovens, frente a uma concepção hegemônica das possibilidades e condições que a juventude é vivida. Nesse sentido, o diálogo com a pesquisa empírica exigiu outros caminhos, visto que a "moratória social" esboçada pela "condição juvenil" não apareceu em nossa pesquisa. Da mesma forma, o questionamento do modo de ser jovem ocorreu mais por meio das circunstâncias sociais que pela própria manifestação dos "estilos", sobretudo pelas condições de periferia e ocupação de terras urbanas. Dessa forma, as formulações apresentadas nos proporcionaram mais expectativas que regras (Thompson, 1981), orientando o trabalho empírico e a busca das experiências, que retornou para uma revisão crítica da própria literatura.

Como síntese do processo empírico, em diálogo constante entre fontes e conceitos organizadores, a categoria experiência se demonstrou um bom terreno para compreender tais sujeitos. Tal centralidade implica em uma guinada epistemológica, pois o ponto de partida não ocorreu pela teoria, conceituação ou hipóteses, mas pelo próprio fenômeno a ser analisado, ou seja, pelos seres humanos reais em carne e osso. Portanto, partimos das ações, pensamentos, sentimentos e expectativas das pessoas, que são vividas, pensadas e valoradas no processo estruturado, sob limites e pressões.

Nesse sentido, buscar as experiências implicou em compreender as estruturas e as determinações sociais que os sujeitos estão envolvidos, uma vez que estabelecem as possibilidades da ação humana da mesma forma que a pressiona a formas específicas de ser e de pensar. É esse o sentido que nos aportamos para as determinações sociais, ou seja, o processo objetivo de fixação de limites e exercícios de pressões (Williams, 1979; Thompson, 1981).

Nessa acepção, nenhuma prática hegemônica consegue absorver ou incorporar toda a dimensão da vida social, mas impõem limites para a ação humana, em que, sob estes limites, os sujeitos agem e refletem sobre o vivido, conformando a experiência. Da mesma forma, o exercício de pressões impõe-se sobre os limites colocados e sobre os sujeitos, de forma que:

> São no mínimo também pressões derivadas da formação e do impulso de um determinado modo social: com efeito, uma compulsão de agir de formas que o mantêm e renovam. São também, e vitalmente, pressões exercidas por formações novas, com as suas intenções e exigências ainda não percebidas. A "sociedade" não é nunca, então, apenas a "casca morta" que limita a realização social e individual. É sempre também um processo constitutivo com pressões muito poderosas que se expressam em formações políticas, econômicas e

> culturais e são internalizadas e se tornam "vontades individuais", já que têm também um peso de "constitutivos" (Williams, 1979, p. 91).

Porém, os limites e as pressões não ocorrem em matérias vazias, mas em seres sociais, que agem a partir da reflexão e racionalização dos acontecimentos vividos em diversos âmbitos da vida social. A experiência, portanto, como uma elaboração mental e emocional de indivíduos ou de grupos em um processo vivido (Thompson, 1981, p. 15), promove o diálogo entre ser social e consciência social, como uma junção entre estrutura e processo. Ademais como um termo médio entre ser e consciência, relaciona-se, também, com o processo cultural, pois:

> [...] com "experiência" e "cultura", estamos num ponto de junção de outro tipo. Pois as pessoas não experimentam sua própria experiência apenas como ideias, no âmbito do pensamento e de seus procedimentos, ou [...] como instinto proletário etc. Elas também experimentam sua experiência como sentimento e lidam com esses sentimentos na cultura como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidades, como valores ou (através de formas mais elaboradas) na arte ou nas convicções religiosas (Thompson, 1981, p. 189).

É a partir dessa centralidade da experiência que optamos pela noção de experiência juvenil, buscando compreender as necessidades e expectativas, a intensidade do vivido, representações e sentimentos, valores e normas morais, percepções e opiniões, em suma, modos de vida dos jovens em condição de periferia e ocupação urbana. Como um termo mediador, a experiência nos priva do risco da dissociação entre ser e consciência – entre situação vivida e condição juvenil –, pois da mesma forma que a juventude é vivenciada, ela é também pensada, sentida e valorada, sempre sob limites e pressões colocados pela formação social e cultural num palco de disputas de hegemonias (Williams, 2011).

A apreensão das experiências significou, portanto, compreender as determinações sociais e a ação dos sujeitos, buscando a juventude concretamente no seu contexto e no processo. Assim, dividimos a exposição de nossos resultados em reprodução do ser social – a qual envolve as relações de moradia, familiares, de trabalho e educação (que, para os autores citados, determinam boa parte da condição juvenil) – e sociabilidade – abrangendo uma ampla dimensão que abarca o tempo livre, a relação com pares, o direito à cidade e às manifestações culturais, as relações envolvendo a religião e a violência.

A (re)produção do ser social – moradia, relações familiares, trabalho e educação

A dimensão da moradia impacta diretamente a vida dos jovens, sobretudo na relação de dependência/autonomia com a família, que na maioria dos casos, não tiveram vez na decisão em ir ou não para a ocupação. Para a maioria dos jovens entrevistados, a ida para a ocupação foi por decisões familiares, na grande maioria das vezes, na busca de se libertar do aluguel. Essa relação expressa bem a autonomia relativa perante a família bem observada em Groppo (2004) e Abramo (2005).

Quanto a origem dos ocupantes, temos que 68% dos jovens do Élisson Prieto moravam em outros bairros de Uberlândia antes de irem para ocupação, enquanto 26,01% moravam em outra cidade – 16,76% em outro estado e 9,25% em outra cidade em Minas Gerais – e menos de 3% moravam na zona rural (Perfil..., 2015, p. 19). Para os 32% que não residiam em Uberlândia antes da ocupação, era comum encontrarem maiores dificuldades no processo de ocupar, visto não terem apoio familiar em outras regiões da cidade, contribuindo com o comprovante de residência para matrícula escolar e acesso a outros serviços públicos, como aponta De Sordi (2017).

A construção da casa é uma questão permanente na vida das pessoas da ocupação, mesmo sob a não certeza de adquirir o terreno, aos poucos o dinheiro economizado no aluguel se converte na construção. Patrícia[6], uma jovem de vinte anos que mora com a filha de um ano e meio, é um bom exemplo, "[...] por enquanto nós só fez essa aqui de madeirite e tamo pensando... juntando pra construir ali na frente. Enquanto não constrói vai ficando aqui." (Patrícia, 2015, p. 31). Entre os jovens que participaram das entrevistas de história oral, Patrícia foi a única que não vivia em casa de alvenaria e, também, foi a única que morava somente com a filha apesar de, boa parte da semana, contar com a ajuda da mãe nos cuidados da criança.

A dimensão da moradia permeia as expectativas desses jovens, sendo uma afirmação geral tanto nos questionários aplicados quanto nas entrevistas realizadas. A não garantia da moradia exerce pressões em outras dimensões da vida social, como nas relações familiares, de trabalho e educação. Esse é o caso de Simone, uma jovem de quinze anos cuja família cogitava, à época da entrevista, ir para Montes Claros, cidade em que contaria com apoio familiar, devido à liminar de despejo em voga[7] (Simone, 2015, p. 50).

As relações familiares se demonstraram como dimensões importantes nos limites e pressões da vivência da juventude, assim como uma fonte de referência na construção de valores e expectativas. As determinações e referências no âmbito familiar perpassam tanto pela família de origem quanto no processo de constituição de uma nova, havendo, também, situações

de constituição de uma nova família com a integração de novos membros e relações na família de origem, dando-se, sobretudo, no compartilhar a moradia.

Entre os jovens, temos uma situação em que 45,09% já assumiram a responsabilidade de constituição de uma nova família, dividindo a moradia com cônjuges e filhos, enquanto 43,93% ainda moram com a família de origem, 5,78% moram sozinho e 5,20% dividem a moradia com a família de origem e com a nova em constituição. Quanto aos filhos, 53,76% dos jovens possuem filhos, contra 46,34% que não possuem. Dos jovens que possuem filhos, 21,51% são solteiros, 3,23% divorciados/viúvos e morando com cônjuge – casados, amasiados e união estável – somam 75,27% (Perfil..., 2015).

As pressões e limites no âmbito da família de origem se manifestaram em duas dimensões: na dependência – financeira e de decisões – e na ajuda da reprodução do núcleo familiar – financeira e com o trabalho doméstico. Por outro lado, na constituição de uma nova família, as pressões e limites se expressam, principalmente, na reprodução do núcleo familiar. Essa dimensão, relaciona-se, muitas das vezes, com as relações de trabalho e educação, fazendo com que os jovens sintam sobre si as responsabilidades de adultos, ingressando precocemente no mundo laboral e abandonando os estudos.

Encontramos, a partir do *survey*, uma baixa escolaridade entre os jovens, sendo que 41,62% não completaram o ensino fundamental e 32,37% não completaram o ensino médio. Apenas 23,70% dos jovens concluíram o ensino médio que, na visão da maioria deles, é a conclusão dos estudos. Entre os jovens entrevistados apenas 21,39% estavam estudando. Notamos uma maior escolaridade entre as mulheres, sendo 54,05% entre os que estão estudando, contra 45,95% dos homens. Entre os que concluíram o ensino médio, 65,85% são mulheres contra 34,15% de homens (Perfil..., 2015).

Quanto aos jovens que abandonaram os estudos[8], a maioria, 36,84%, foi por causa de reprodução do núcleo familiar – seja trabalhar ou cuidar dos filhos. Aliado com a dimensão do trabalho, há uma expectativa nos estudos como uma ascensão social, que não se realiza na experiência, nem como possibilidades, em que o ensino superior não é uma realidade para eles[9]. Dessa forma, enquanto sonham com uma melhor educação para ter um melhor emprego, continuam com empregos precários e excluídos de parte do ensino público, uma vez que no Brasil, "[...] o trabalho afasta o aluno da escola, que por sua vez, afasta o aluno trabalhador" (Sposito, 2004, p. 81).

O trabalho permanece outra dimensão central nos limites e pressões vividos pelos jovens. Da mesma forma que é um dos grandes responsáveis pelo abandono dos estudos,

pudemos notar uma alta precarização e uma entrada precoce no mundo laboral, como Alexandra, jovem de quinze anos, que começou a trabalhar com treze em um frigorífico de frangos, ou com Rosa, de 27 anos, que começou a trabalhar desde cedo vendendo temperos com a família.

O desemprego e a dificuldade do primeiro emprego são questões que acompanham permanentemente a vida desses jovens. A falta de experiência se impõe como uma pressão limitante ao lado da necessidade de continuar os estudos. Para Patrícia, a grande dificuldade ao buscar o primeiro emprego foi a timidez e a falta de conhecimento, relatando que: "[...] foi mais complicado, a gente não conhece muito bem... [...] eu era muito tímida, não relacionava com ninguém, ficava mais quieta... aí isso era mais complicado pra trabalhar." (Patrícia, 2015, p. 33). Tito, por sua vez, ingressou no mundo do trabalho em uma fábrica que produzia equipamento de proteção individual, encontrando como dificuldade a conciliação com os estudos:

> [...] estudava a noite e trabalhava de dia. Eu lembro que eu chegava em casa 7h15 pra tá na escola 7h30. Quer dizer, eu perdia... perdia a primeira aula e lembro que esse ano, que eu tava cursando o terceiro ano do ensino médio, eu fiquei devendo duas matérias, por quê? [...] Física e biologia, porque era sempre o primeiro e o último horário. O primeiro eu não tinha chegado e no último eu já tava dormindo [risos]... então... é bastante cansativo... e... e... um trabalho industrial... e eu pegava oito ônibus por dia, quatro pra ir e quatro pra voltar. Então você imagina, eu acordava quatro horas da manhã... foi bastante cansativo, foi puxado com força (Tito, 2015, p. 41).

Entretanto, como notou Dayrell (2007), o trabalho também possibilita condições para vivenciar a condição juvenil, visto que possibilita acesso cultural, mobilidade perante a cidade e maiores possibilidades de relações com seus pares, como expressa a narrativa de Eduardo, jovem de quinze anos que trabalhou informalmente como chapeiro em uma lanchonete:

> Era meio ruim, né! Porque eu trabaiava seis hora. Entrava lá seis hora, saia de lá uma hora da manhã, vinha em casa e acordava seis hora da manhã pra ir pra escola, chegava da escola, arrumava a casa, lavava a louça... era correria pra mim. [...] Gostava... porque final de semana eu podia ficar de boa, ir pros lugar né... pro shopping, assistir um filme. É... pra mim era bom (Eduardo, 2015, p. 66-67).

Esta fala de Eduardo é característica para demonstrar a dupla dimensão que o trabalho assume para a experiência juvenil. Da mesma forma que afasta os jovens dos estudos, as relações de trabalho trazem novas responsabilidades – vistas por eles principalmente como específicas do mundo adulto –, que limitam os processos de lazer e sociabilidade. Ao mesmo

tempo e por outro lado, possibilitam a vivência da juventude, permitindo uma independência restrita em relação à família, a locomoção entre os circuitos na cidade, um maior consumo cultural assim como no manter o estilo, como narra Alexandra, ao ser questionada sobre seus gastos, mostrando-se orgulhosa por sustentar seu próprio consumo:

> Eu sou uma pessoa viciada em doces [risos]. E roupa também. Eu compro umas roupas aí. *Piercing*, principalmente [risos] [ela tem dois *piercing* na boca]. É, acho que é só isso. Ajudo de vez em quando aqui em casa, prá coisas... tipo alimentos assim (Alexandra, 2015, p. 4).

Apesar das dimensões precárias de trabalho, ainda há nessa relação alguma referência na constituição de valores. Além da possibilidade de vivência da juventude pelo poder de compra, o trabalho se apresentou como um importante espaço de sociabilidade, sobretudo para os jovens mais velhos. A tendência que encontramos, quanto aos grupos de pares com o avançar da idade, foi um distanciamento dos grupos formados a partir da escola para os formados em torno do trabalho e da família, como relata Patrícia (2015, p. 32): "[...] lá nós temos amizade por fora do trabalho também né. De vez em quando nós sai, vai nos bares, ou vai no *shopping*, nós temos relação por fora também.". Ou como expressa a narrativa de Antônio (2015, p. 24), jovem de 22 anos que praticamente não separa as relações de amizade com as de trabalho: "Amigos né... quando nóis trabalha... mais... é só os amigo memo... conheço faz muito tempo, e nóis... de vez em quando nóis encontra ai. [...] Nóis faz um churrasquinho... faz... a gente bebe uma cervejinha, fica de boa".

Todo esse quadro nos faz questionar a dimensão da moratória da juventude, que está longe de ser vivida por esses jovens, a não ser enquanto expectativas. Os limites mais estreitos e as pressões mais intensas se estendem para outras dimensões da vida social e da sociabilidade juvenil. Esta, para além das instâncias clássicas – escola, família e trabalho –, mostrou-se em outras relações da vida social, como, e principalmente, nos grupos de pares informais, nos grupos criados em torno da religião e nas vivências de alguma forma de violência, sobretudo pela relação com a rua vivida em periferias de grandes centros.

Sociabilidade: tempo livre, religião e violência

Já apontamos anteriormente a importância dos grupos de pares informais para os jovens, sendo uma característica central dos mesmos na modernidade[10] (Groppo, 2000). O *survey* aplicado conseguiu captar muito pouco essa dimensão da experiência juvenil, visto a

naturalidade com que isso está para os jovens. Entretanto, por meio da história oral foi possível apreender um pouco mais dessas relações, que, ao extrapolar as instâncias clássicas de socialização, parecem cumprir um importante papel mediador na experimentação de relações sociais mais amplas, na formação de valores, visões de mundo e modos de ser (Dayrell, 2001).

As instâncias clássicas de socialização apareceram de forma bastante significativa, visto que praticamente metade dos jovens, 48,55%[11], responderam passar o tempo livre com a família ou com alguma atividade em casa. Foi possível notar algumas relações dos grupos de pares com a escola nos jovens mais novos e nos que estão estudando, assim como no trabalho para os mais velhos ou que trabalham e estudam. Como nos casos já apresentados de Patrícia e Antônio que estabelecem redes de amizades no trabalho, ou no de Alexandra (2015, p. 5), que, como trabalha com a mãe, as amigas são: "todas da escola. A gente fica fofocando [risos]. Fofoca [risos]. Conversando sobre as outras amigas, conversa sobre meninos [risos]. Vai e sai... assim.".

Esses grupos de pares pareceram responder demandas de comunicação e reflexão, de experiências em comum da juventude não experimentadas por outros espaços de socialização, como demonstra Eduardo (2015, p. 70), afirmando não conversar sobre sexualidade com a família, pois: "Ah véi... dá vergonha né mano... falar isso na frente da mãe", e mais adiante afirmando conversar com os amigos: "Ah... conversa uns trens aí... umas fofoca pra lá, umas prá cá [risos]... principalmente com esse cara aqui ó [apontando para um amigo que chegou durante a entrevista]". Alexandra responde na mesma perspectiva, com a diferença de ter uma irmã[12] de quase a mesma idade:

> Com meus amigos sim, com minha família não. Só com minha irmã, da família assim, só minha irmã. Minhas amigas... sei lá... elas entendem... se eu for conversar com minha mãe, acho que ela não entende, aí eu saio andando, deixo ela falando sozinha. Aí com minha irmã, como ela é mais ou menos da minha idade assim, um pouco mais velha, dois anos mais velha, mas eu acho que ela entende bem também. Ela é casada, mas deve entender (Alexandra, 2015, p. 10).

As atividades em torno da rua também foram significativas nos momentos de tempo livre dos jovens, visto que dos 15,61%[13] que responderam participar de algum grupo específico, 18,52% responderam participar de grupos informais que se encontram nas ruas do bairro, em alguma praça ou estabelecimento, o que Magnani (2005) denomina "pedaço". Já, ao serem questionados sobre o que fazem nos tempos livres, os "pedaços" e os grupos informais aparecem com mais força, somando os já citados 21,97% (Perfil..., 2015).

Os jovens por nós estudados praticamente seguem o perfil nacional da juventude quanto ao pouco acesso aos meios culturais. Nesse sentido, no Brasil, quase 60% dos jovens nunca frequentaram bibliotecas fora de suas escolas, 65% nunca frequentaram teatros, 71% nunca frequentaram exposições de arte ou fotográficas, 58% nunca frequentaram eventos esportivos e 62% nunca frequentaram atividades culturais (SNJ, 2013). Os jovens do Élisson Prieto geralmente não frequentam shows, feiras, atividades culturais ou esportivas, apenas de vez em quando um cinema. Costumam sair para festas nos fins de semanas, "umas resenhas na casa de amigos" (Patrícia, 2015, p. 34) e, seguindo a mesma tendência nacional, não costumam frequentar atividades culturais, conforme narra Alexandra (2015, p. 6):

> Não. Prefiro meu telefone, lá tem tudo. Sei lá, eu nunca tentei ir. Nunca fui pra saber. Eu falo que eu não gosto, mas eu nunca fui. Falta de tempo também né, tipo, falta de tempo de vergonha na cara [risos]. Fico em casa o dia todo... falta de dinheiro, vamo colocar assim. É tudo longe, aí você tem que ajudar dentro de casa, comprar alguma coisa pra você, você até esquece de lazer, essas coisas assim. Tem que pegar ônibus, voltar... nossa, tá cara a passagem, não vou não.

Essas situações de classe, como ter que pegar ônibus pelas poucas possibilidades de atividades culturais próximas de casa, dificuldades em pagar entrada em festas e shows, entre outras, são permanentes na vida de jovens de periferias, escancarando a imensa desigualdade existente no Brasil, que moderniza permanentemente o mercado cultural e de consumo, porém não efetiva tal modernização no âmbito social (Dayrell, 2001, p. 10).

Apesar do acesso limitado aos bens culturais que a cidade proporciona, os jovens costumam sair muito em bares e boates. Foi comum aparecer festas de *funk* nas entrevistas, sendo um estilo muito frequentado por esses jovens. Para além disso, a periferia se torna palco de tais festas, como várias vezes citadas nas narrativas o bairro Dom Almir[14]. Alessandra (2015, p. 12) chegou a afirmar que no começo da ocupação havia muitas festas no bairro, no entanto, na época do estudo praticamente já não existiam mais.

Ainda sobre a sociabilidade dos jovens no Élisson Prieto, chamou-nos bastante a atenção a esfera religiosa. Pelo *survey* pudemos encontrar uma grande presença da religião na vida do bairro e dos jovens, sobretudo as protestantes. Entre os que participaram do *survey,* 64,74% responderam frequentar alguma religião e, destes, 61,61% responderam frequentar pelo menos uma vez por semana. Entre as religiões frequentadas, os jovens se distribuem em: 67,86% Protestantes, 30,36% Católicos, 2,68% Adventistas, 0,89% Testemunhos de Jeová e 0,89% não responderam (Perfil..., 2015).

Entretanto, além da dimensão de "suspiro da criatura oprimida", de afirmação e negação das relações materiais existentes (Marx, 2013a, p. 151)[15], a esfera religiosa se demonstrou um importante espaço de sociabilidade juvenil, envolvendo grupos de pares (células), jogos, gincanas, brincadeiras e atividades voltadas exclusivamente para os jovens, como estudos bíblicos, encontros de jovens, retiros e louvores. Chegamos, em nossa pesquisa, a nos deparar com Tito[16] que, como pastor, exerce atividades e cultos voltados especificamente para o público juvenil em um bairro vizinho da ocupação.

As células não são espaços autônomos ou ausente das dimensões de acolhimento e pressão moral/ideológica, como explica Alexandra (2015, p. 4-5) sobre algumas discussões feitas nesses grupos: "Tipo assim, se você tem uma discussão dentro docê assim: tipo... não... será que existe mesmo Deus? Aí eles vão sentar com você, vai conversar, vai te explicar direitinho porquê e tentar tirar isso da sua mente.". Por outro lado: "É uma célula né, onde vai e se reúne os jovens, a gente conversa do que a gente faz no dia a dia... vê como que a família tá na sua casa... eles ajuda a gente, conversa." (Antônio, 2015, p. 25).

Como já apontado nos resultados do *survey*, 48,15% (dos 15,61%) dos jovens que participam de algum grupo constante disseram participar das células. Para Alexandra (2015, p. 4-5), são: "Descontraído[s], assim. É.... como que vou dizer. Lá eles meio que te entendem, é só jovens né, e eles debatem assuntos legais. É muito bom.", e mais a frente: "[...] a gente brincava também. O tal do quebra-gelo, que é uma brincadeira... você inventa brincadeiras na hora também, é bem legal.".

Essa movimentação das igrejas, de uma maneira geral, em como atrair e, com isso, realizar atividades exclusivamente com jovens, mostra uma boa leitura do repertório cultural que essas instituições conseguem realizar, fornecendo possibilidades de suprir demandas de sociabilidade juvenil, relação que extrapola os próprios propósitos das igrejas. No mesmo sentido, tais instituições conseguem fornecer possibilidades de acolhimento para esses jovens, que muitas vezes não encontram (ou complementam) nas instâncias clássicas de socialização, como a família, a escola e o trabalho.

A relação de afirmação e negação das relações materiais pela religião nos conduz a outra dimensão da sociabilidade vivida pelos jovens, trata-se da violência. A própria religião, para boa parte desses jovens, é vista como uma forma de se manter distante da violência, que na maioria das vezes se manifesta nas ruas, locais de sociabilidade juvenil, tornando-a uma relação frequente em suas vidas. Tal relação apareceu em praticamente todas as entrevistas de história oral, com intensidades diferentes, porém, de maneira cotidiana na vida dos jovens.

Parece estranho, à primeira vista, falar em violência como sociabilidade. Entretanto, a sua presença contribui na determinação da experiência de distintas formas, diferenciando, até mesmo, a forma como é vivida e interpretada entre os garotos e as garotas. Tivemos nas entrevistas dois casos significativos, o de Antônio, que vivenciou o cárcere por pouco mais de um ano, e o de Rosa, que vivenciou o extremo das drogas, prisão e clínica de recuperação, sendo bastante intensa ao expressar se já sofreu alguma violência: "estrupo só [...] e também vendendo droga, já apanhei também... uma vez... só... mais nada." (Rosa, 2015, p. 18).

Esta naturalização da violência por Rosa é um forte indício da vivência cotidiana para além do extremo caso citado. Tal expressão comum pode ser indicada por Simone, Patrícia e Alexandra, dizendo já terem vivenciado situações de agressões ou no limiar por homens, em que, conforme Alexandra (2015, p. 11) narrando sobre situações cotidianas no transporte público: "os homens fica encostando na gente, puxando pelo braço e chamando, aí você fica até meio assim né. Aí você já vai prum rumo onde tem muita mulher... se quer se proteger [...] que elas, às vezes, te entendem". É bastante significativo o "elas te entendem", o que expressa uma relação de vivência compartilhada da violência do machismo.

A vida de Rosa, apesar de extrema, ilustra outras dimensões da sociabilidade juvenil na periferia (talvez não só): a questão das drogas. Estas apareceram de duas maneiras, a primeira como uma porta para a violência como um todo, tendo como seu antagonismo a religião:

> [...] Pra mim é uma vida melhor [a religião]... em vez de você ficar aí na esquina vendendo droga, tiver o risco de ser morto né... ir preso. Pra mim é melhor, já fico mais de boa. O colega ali é pastor também [apontando para uma casa da frente], vou... vou pra Igreja mais vezes. Pra mim é legal (Eduardo, 2015, p. 67).

Por outro lado, temos, o já citado, caso de Rosa (2015, p. 19) narrando que chegou a usar "Tudo, tudo, tudo. Só que cocaína, depois que estourou minha veia aqui em cima [perto do olho] eu não cheirei mais. E... crack, fumava, fumava... e crack a vontade é nunca mais parar de fumar né... Agora maconha... é... [risos]". Além de Rosa, encontramos Ernesto, jovem de 22 anos. Sua visão sobre as drogas talvez expresse bem a segunda dimensão posta nesta relação, a da sociabilidade:

> Tem muitos jovens que usam né, mas... mas a maioria aqui não usa. É... poucas pessoas... eu uso [risos]. Eu sou... uso maconha, mas... mas... também [risos]. Tem muitos... algumas pessoas vendem drogas aqui, outras fingem que não vê [risos]. Os policiais fingem que não vê, algumas vezes eles vê. [...] Na verdade, o jovem, por ele ser muito curioso, ele acaba buscando outras coisas pra ele, às vezes, se aliviar do problema que ele tem dentro de casa. Às vezes,

> por exemplo eu... eu comecei a usar maconha, foi mais pra me libertar sabe... de certa forma do que a gente tava vivendo, porque havia muita discussão, muitas brigas familiares assim, e eu me sentia como culpado e pra mim... me livrar dessa culpa, talvez eu fui... na droga, pra me aliviar um pouco. [...] Mas cada pessoa, ela tem um motivo pra usar uma droga. Às vezes ela gosta de beber e ela usa cocaína porque... para beber, mas só que explode a pessoa, sabe... eu não uso, mas... eu falo porque alguns amigos meus usam e eu não tenho nada contra ninguém que usa. Eu acho uma bobeira eles não legalizarem porque, a pessoa, quando ela não quer ela não usa. Então... é uma coisa que... que tem que ser mais debatido, tem que ser... ter mais diálogo (Ernesto, 2015, p. 63-64).

Ernesto levanta algumas hipóteses sobre a relação das drogas, indicando, assim como na religião, um processo de afirmação e negação das relações materiais e de curiosidade – que na afirmação de Ernesto aparece como típica da juventude. Para além delas, levantamos a hipótese da sociabilidade, sobretudo pelos indícios presentes nas narrativas e no próprio sorteio da casa de Ernesto para o *survey*, na qual ele se encontrava, com outros três jovens, fazendo uso de maconha nos fundos da residência enquanto tocavam violão.

Apesar de se apresentar como pressões comuns entre os jovens, a violência se demonstrou vivida de formas distintas entre os gêneros, como as já citadas violências de machismo sofridas por Rosa, Alexandra e Simone. Para os garotos, por outro lado, a violência, mostrou estreita relação às drogas, expressando-se em duas dimensões: na violência em si – nos homicídios e encarceramentos, seguindo, inclusive, a tendência nacional – e na relação com a polícia.

Encontramos a vivência do período de encarceramento em Rosa, que além de viver um ano em situação de rua, esteve privada de liberdade por quatro vezes: “A primeira oito mês, depois da outra vez eu fiquei seis meses. Da outra vez eu fiquei quinze dias... e a outra vez três mês só.”, explicando, mais a frente, os motivos: “Por causa que eu quebrei a viatura, um abandono de incapaz [pausa] um... agressão... danos morais.” (Rosa, 2015, p. 19-20). A outra narrativa que demonstrou vivência do cárcere foi Antônio: “[...] eu tenho um 157 [roubo] e tentativa de homicídio. Fui preso... eu paguei... fiquei um ano e pouco e assim... fiquei... eu saí e paguei... to assinando agora, né. Tenho que assinar até 2019, é a pena!” (Antônio, 2015, p. 28). Quando questionado sobre o que pensava do sistema penitenciário brasileiro, ele relata:

> Olha cara... eu acho que tá meio bagunçado né. Tudo totalmente bagunçado, as cadeias totalmente lotadas... muita coisa que acontece lá dentro e o povo não sabe... o povo aqui de fora não sabe. Acha que tá tudo bem, tudo normal, mas não tá. A opressão dos agentes, da polícia também é muito... assim cara, eu vejo que no meu ponto de vista tá muito bagunçado. [...] Porque lá dentro você vai... o cara passa muita humilhação, muita coisa. Na cabeça do preso,

> que tá preso, pra ele, aquilo lá não tá servindo de nada, é uma opressão policial, opressão do sistema (Antônio, 2015, p. 29).

Já a dimensão do homicídio apareceu com Ernesto (2015, p. 62), afirmando com muita tristeza: "pois eu já perdi muitos amigos, que as vezes nem estavam fazendo nada de errado, mas tavam no lugar errado e na hora errada... e morreram, infelizmente". Esta face da experiência juvenil na periferia é bastante expressiva quando vemos a semelhança do perfil das pessoas assassinadas e encarceradas no Brasil, que são, na maioria, homens, jovens, negros, com pouca escolaridade e moradores de periferia:

> A maioria dos jovens mortos em decorrência dos homicídios no Brasil, em 2012, tinha entre 20 e 24 anos. Constata-se que a taxa de mortes entre 20 e 24 anos é de 66,9[%], sendo que entre 25 e 29 anos ocorrem 55,5% das mortes, e entre 15 e 19 anos ocorrem 53,8% das mortes. Em relação ao perfil da população prisional adulta, verifica-se que, em todos os estados e durante todos os anos da série observada (2007 a 2012), a maioria dos presos tinha idade entre 18 e 24 anos e outra grande parte dos presos tinha idade entre 24 e 29 anos.
> Constata-se que em 2012 o perfil das vítimas de homicídio foi semelhante ao perfil dos encarcerados. Para cada grupo de 100 mil habitantes jovens acima de 18 anos havia 648 jovens encarcerados, enquanto para cada grupo de 100 mil habitantes não jovens havia 251 encarcerados, ou seja, proporcionalmente o encarceramento de jovens foi 2,5 vezes maior do que o de não jovens em 2012. *O que infere a afirmação de que tanto a população prisional como as vítimas de homicídios no Brasil são, predominantemente, jovens*. (Secretaria Geral da Presidência da República [SGPD]; SNJ, 2015, p. 84, grifo nosso).

Este perfil da violência no Brasil implica em uma outra experiência vivida pelos jovens, sobretudo, mas não exclusivamente, os homens: a relação conflituosa com a polícia. Existe uma relação de poder simbólica com a polícia e os garotos. O simples fato de serem jovens, da periferia e na maioria negros (Perfil..., 2015) os colocam em uma situação de sempre suspeitos, independentemente do contexto. Essa relação simbólica por vezes assume a dimensão física, como narra Antônio (2015, p. 29): "[...] Assim... eles me enquadraram ali na frente, me sequestraram ali... me bateram, né... mas fazer o quê? Né.". A mesma situação é relatada por Ernesto:

> [...] Uma vez, eu estava de boa, tava na porta de casa, e... eles chegaram me abordando. Até então, tá tudo tranquilo. E aí, não sei o que ele me falou, que... eu não aguentei me conter, e respondi [risos]. Porque eu não faço nada de errado sabe. Eu não vendo drogas, não faço nada de errado [risos], pro cara falar que eu sou bandido, sabe... essas coisas... aí a pessoa fica meio revoltada [risos]. Aí ele começou me agredir, falar que ia me dar choque e tacar droga em mim, como fazem com muitas pessoas (Ernesto, 2015, p. 63-64).

É por aí a relação de boa parte dos jovens homens de periferias com a polícia, como demonstra o espanto de Eduardo (2015, p. 70) quando questionado se já teve alguma experiência com a polícia: "Quero nem saber de polícia mano... [risos]". No caso, Eduardo não afirmou e nem demonstrou utilizar drogas e vê na religião uma forma de se afastar da violência e do crime, entretanto, já foi abordado pela polícia algumas vezes próximo a sua casa e à escola. A relação com a polícia, no caso da ocupação, extrapola a relação de poder simbólico e violência física, agindo, também, na defesa da propriedade privada e na, permanentemente, tentativa de expulsão dos "invasores" de propriedade:

> Aqui, quando começou... que a gente veio pra cá, eles começaram a invadir as casas assim, sem permissão, sem mandato né. Porque, eu acho, tipo assim, que o policial tem que entrar na casa só quando tem mandato, não é? Porque... como aqui é um bairro onde só tem gente pobre... que é... invadido... eles acham que tem que chegar entrando. Aí teve uma vez que nóis tava tudo aqui dentro de casa assistindo televisão, eles pegou... não tinha esse cercado aqui, era só uma cerca e um portão, era aberto... eles pegou e parou com a viatura bem aqui [no quintal], entrou dentro de casa e saiu vasculhando tudo, revirou a casa inteira (Alexandra, 2015, p. 1).

Assim, para esses jovens da ocupação, e de periferia de uma forma geral, as pressões vividas no âmbito da violência tornam-se muito mais intensas que as vividas por jovens de outros setores e classes sociais, contribuindo no moldar a experiência juvenil. É uma sociabilidade posta pelo capital, com seus limites a partir das condições e situações de classe que se encontram esses jovens. Os limites impostos à sociabilidade juvenil pelo capitalismo estão em todas as relações apresentadas, que envolvem a necessidade do trabalho precoce e, consequentemente, o abandono dos estudos, nos limites ao direito à cidade e ao consumo de atividades e práticas culturais e, também, nas dimensões da religião e da violência em todas as suas facetas[17].

À guisa de conclusão: ucronia e a condição juvenil como expectativa

> Essa... essa... essa idade que colocaram aí [15 a 29 anos], isso é mais formalidade, minha opinião. Na questão, jovem não é idade. Jovem é a pessoa. Pessoas que tem... tem muitos hoje... eu atendo muitos na Igreja... o jovem tem vinte anos, mas tá com quarenta, sedentarismo, não quer estudar, uma vida totalmente desregrada. E tem pessoas que tem 35 anos, que vive assim, totalmente como se fosse jovem. E essa pessoa é jovem, e ela não é jovem por causa da idade? E a outra é por causa da idade? Assim, eu creio que é mais uma formalidade mesmo, eu creio que jovem, hoje, e creio que sempre, é uma questão assim, de... de... de estilo de vida, jovem não é idade, é estilo de vida. [...] Eu sou jovem demais, eu jogo bola, faço tudo [risos] (Tito, 2015, p. 48).

> [...] Eu num... num... num me enquadro no meio de coroa ainda não [risos]. Os assuntos deles não é os meus ainda não... depois... mais pra FRENTE, BEM pra frente eu posso até enquadrar, mas agora não [risos]. [...] Só pra começar, os mais velhos... QUANDO EU ERA... já começa assim, o jovem não: eu sou; criança: eu queria ser... já é diferente. Todo início de assunto, cada idade é de um jeito. E eu não... uai.. os mais véio fica muito no passado, lembrando só do passado ué. Eu fui isso, nossa era tão bom, era... tal. Não... o trem é, a vida tá acontecendo, tá vivendo, então... isso que é ser jovem. Eu não quero ser velha não, vou ficar jovem [risos] (Rosa, p. 2015, p. 22).

As duas narrativas expressam distintas concepções também encontradas na literatura sobre juventude, como a de Tito que se aproxima de uma concepção pós-moderna, conforme caracterizada por Groppo (2010), e outra que mostra os jovens vivendo no presente, negando a visão da juventude como etapa de preparação para a vida adulta (Dayrell, 2001, 2003).

Entretanto, quando questionados sobre o que é ser jovem, muitos deles não conseguiam sintetizar uma resposta adequada aos padrões dos existentes estudos de juventude, conseguindo expressar muito melhor o que é a vida adulta que a juvenil. Durante os questionários, a maioria dos entrevistados, 67,74%, responderam ser jovens pela questão de idade, enquanto a outra parte oscilava entre fazer coisas de jovens, com 7,53%, personalidade com 6,45%, forma de pensar com 5,38%, fase de aprendizagem com 4,30% e fazer planos com 2,15% (Perfil..., 2015).

Por outro lado, quando questionados sobre o que diferencia o mundo adulto do juvenil, a idade aparece em segundo lugar, assim: 25,93% dos jovens responderam aproveitar a vida, 19,44% responderam a idade, 11% responderam a liberdade, 10,19% uma fase de aprendizagem, 9,26% formas de pensar, 7,41% fazer planos, 6,48% ter menos responsabilidades e 10% responderam outras questões (Perfil..., 2015).

Ainda tivemos 7,53% dos jovens que responderam não viver a juventude, sobretudo pelas responsabilidades assumidas com a reprodução do núcleo familiar e das advindas do mundo do trabalho (Perfil..., 2015). Com o *survey*, mas sobretudo com as entrevistas de história oral, pudemos perceber que suas vivências e experiências negavam a própria percepção que eles faziam da juventude, mostrando uma condição juvenil muito mais como expectativa que possibilidades concretas.

Portelli (1993) analisando relatos de militantes comunistas italianos no pós-guerra nos ajuda a compreender essas narrativas que não condizem na realidade ou que aparecem como expectativas, mas não como possibilidades. Nesse sentido, propõe a noção de ucronia, em que

as narrativas aparecem como caminhos que a história poderia ter tomado, mas não tomou, mudança que aparece nas narrativas a partir de uma derrota histórica, para o autor:

> A ucronia, assim, resguarda a preciosa consciência da injustiça do mundo existente, mas favorece os meios de ressignificação e reconciliação. Na medida em que aviva as chamas do descontentamento ao revelar a contradição entre realidade e desejo, faz com que esta contradição não ecloda em conflito aberto (Portelli, p. 1993, p. 58).

Em nosso caso, esta relação ucrônica se manifesta não na mudança dos caminhos históricos, mas no conflito, ou no deslocamento do conflito, entre expectativas e possibilidades concretas. Tal deslocamento ocorre ao incorporar essa dimensão no âmbito individual e não social – eles mesmos serem responsáveis pela baixa escolaridade, pelos empregos precários e, até mesmo, a condição de ocupação.

Essa dimensão ucrônica também se manifestou na percepção que eles têm da própria noção de juventude – ou de condição juvenil –, em que pensam tal condição, mas não a vivenciam por todos os limites e pressões socialmente impostos por suas condições de classe – necessidade de reprodução do núcleo familiar, abandono dos estudos, entrada precoce no mundo do trabalho, luta pela moradia, dificuldade de acesso à cidade e a atividades e meios culturais, intensidade da violência, entre outros.

Dessa forma, as narrativas expressam uma consciência prática[18] (Willis, 1991), que muitas vezes assume uma dimensão contraditória, espelhando uma visão de mundo, mostrando apenas os estádios finais de um processo cultural. Ou seja, eles pensam uma juventude a partir de uma noção hegemônica (Williams, 2011), que não se realiza em suas experiências, mostrando-nos como a própria noção de juventude é uma disputa tanto social, quanto cultural.

Nesse sentido, portanto, investigar os modos de vida dos jovens em condição de ocupação urbana mostrou o quanto as determinações objetivas, limites e pressões, demarcam a prática humana em formas e situações de classe, uma vez que a experiência é, em grande medida, a experiência da determinação (Wood, 2003, p. 90). A sociabilidade do capital, portanto, limita em larga medida as possibilidades de vivência da juventude, colocando o desafio de compreender a experiência juvenil sempre de forma concreta, no contexto e no processo, que perpassa, também, pela apreensão de ações, necessidades e expectativas por meio da experiência.

Notas

[1] A pesquisa foi apoiada por Fapemig (APQ 02063) e CNPq (409878).
[2] As entrevistas foram realizadas na casa dos jovens – local escolhido por eles mesmos – perante assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido para os maiores de idade e, para os menores, termo de assentimento e de consentimento assinado pelo responsável. De forma a preservar a identidade dos entrevistados, todos os nomes utilizados são fictícios.
[3] Groppo (2000), ancorado em Einsensdat (1976), trabalha com a noção de grupos etários homogêneos e heterogêneos a partir de sociedades com orientações particularistas ou universalistas, respectivamente. Para esses autores, as sociedades até hoje se dividem – por seus critérios fundamentais de socialização e valoração nas tomadas de decisões – em particularistas e universalistas. As primeiras tendem a uma socialização e tomadas de decisões em torno de laços de parentescos, enquanto as sociedades universalistas tendem a uma socialização a partir da esfera pública. Dessa forma, a modernidade seria expressão máxima de sociedades universalistas. Em termos de sociabilidade, as sociedades particularistas tendem à criação de grupos de pares etários heterogêneos – por sua característica de socialização a partir de laços de parentescos. Enquanto sociedades universalistas tendem a criar grupos de socialização etários homogêneos, sendo uma marca das juventudes modernas a adesão e constituição desses grupos de sociabilidade homogêneos (Groppo, 2000).
[4] Groppo (2004) referencia-se em Marx para propor uma dialética das juventudes. Entretanto, parece-nos contraditório uma concepção dialética sobre juventude apoiado por uma visão de sociedade a-histórica visto a dimensão processual que a dialética marxista assume. O autor parece considerar apenas um aspecto da concepção dialética: a relação contraditória dos fenômenos. Entretanto, apesar de Marx não ter uma formulação sistemática sobre seu método dialético, é possível extrair de sua obra outros elementos, como a totalidade, a relação entre aparência e essência, a historicidade dos processos e a indissociabilidade e relação dos fenômenos. Cf. Marx e Engels (2009) e Marx (2011, 2013b), neste último, sobretudo o primeiro capítulo, em que autor expõe (ainda que de maneira indireta) boa parte dessas dimensões da compreensão dialética.
[5] Encontramos a noção de estilo também, e um pouco diferenciada, em Willis (1991). No caso, o autor estudando um grupo de estudantes filhos de operários ingleses identifica nos estilos uma expressão da cultura que tem como base o grupo informal. Nesse sentido, o estilo corrobora como uma forma cultural de, no caso, oposição à autoridade. Entretanto, para o autor, os estilos estão limitados e sob as pressões do mercado cultural voltado para a juventude, demarcando ao mesmo tempo uma ação e uma determinação social.
[6] A idade dos jovens é a que tinham na época das entrevistas, outubro e novembro de 2015.
[7] Um dia antes da entrevista a liminar de despejo havia sido revogada, informação que Simone ainda não sabia.
[8] Destes, 26,32% disseram interromper os estudos por causa de trabalho, 13,68% sem motivo maior, 12,63% por mudança e 5,26% por drogas ou prisão. Outros motivos somados com os que não responderam chegam a pouco mais de 5%. É possível, ainda, inferir que dos 26,32% que responderam interromper devido ao trabalho, boa parte pode estar relacionada à reprodução do núcleo familiar, pois, quando analisamos a interrupção a partir de gênero, as mulheres interrompem os estudos por filhos e casamento em 57,45% dos casos, enquanto apenas 10,64% por necessidade de trabalho. Este quadro se inverte com os homens, em que 41,67% dos casos de interrupção se deram por causa do trabalho, enquanto 16,67% responderam interromper os estudos por causa dos filhos (Perfil..., 2015).
[9] Em 173 questionários aplicados, apenas três jovens já tiveram contato com um curso superior. Dois deles tiveram que interromper – um deles, no caso Tito, é um jovem pastor de 27 anos que ainda pretendia retornar ao curso de teologia. E o outro caso era uma jovem que estava com o curso superior em andamento (Perfil..., 2015). Tito foi uma das pessoas escolhidas para participar das entrevistas de história oral.
[10] Uma interessante leitura sobre os grupos informais pode ser encontrada em Willis (1991), compreendendo-os como a base material para o processo de apropriação, produção e reprodução cultural. Tais grupos conformam a base da ação humana, "agência", que mesmo expressando uma formação cultural mais ampla, possuem uma liberdade relativa e criativa, podendo, inclusive, assumir dimensões conflituosas. Em suma, é no grupo informal que a cultura é construída em sua autonomia relativa, possibilitando experiências que contribuirão na constituição de concepção de mundo e comportamento no social.
[11] Este dado está agregado, analisando de forma separada: 21,97% responderam fazer atividades relacionadas a rua, como esportes, encontrar amigos ou simplesmente passar o tempo. Em seguida, 17,92% responderam que saem com a família, 16,18% descansam aproveitando a família, 14,45% fazem atividades em casa, 6,38% responderam sair com amigos para festas e para beber, acampar com 4,05% e atividades em torno da religião com 2,89%. Houve, ainda, significativos 15,03% que responderam não ter lazer, vivendo o tempo todo por conta do trabalho e/ou no cuidado com o núcleo familiar (Perfil..., 2015).
[12] No caso, a irmã de Alexandra participou dos questionários, visto que não morava com ela e foi sorteada na amostragem aleatória. Entretanto, na busca da diversidade, ela não foi escolhida para as entrevistas de história oral.

[13] Destes 15,61% que responderam participar de grupos específicos, 48,15% responderam participar de grupos religiosos, as células, 26,93% de grupos em torno do esporte e 18,52% de grupos que se encontram nos "pedaços" (Perfil..., 2015).
[14] Um bairro também periférico da cidade, bastante conhecido pelos jovens por abrigar festas de *funk.* Cf. É o fluxo (2014).
[15] Não nos interessa tanto aqui, sobretudo pela falta de espaço, a relação apontada por Marx (2013a, p. 151-152) e bastante explorada sobre afirmação e negação das relações materiais e de exploração, constituindo "[...] ao mesmo tempo a *expressão* da miséria real e o *protesto* contra a miséria real. [...]", em suma, "[...] o *ópio* do povo." (grifos do autor). Da mesma forma, negligenciamos o papel da religião na pressão moral (Thompson, 2012) e na disputa dos jovens para desenvolver as metas da organização (Groppo, 2000, p. 45). Ambas as questões apareceram em diversos momentos da pesquisa, sobretudo nas narrativas dos jovens, merecendo um tratamento específico mais aprofundado. A interpretação da religião como uma esfera da sociabilidade também se fundamenta por Thompson (2011, 2012), quando o autor analisa o acolhimento, a solidariedade e a (auto) organização comunitária proporcionados por uma esquerda metodista, elementos que estão presentes na base da formação da classe operária inglesa. Essas questões não se dissociam, mas se complementam de forma recíproca.
[16] Tito também merece reflexões à parte. Ele destoa de praticamente todos os outros jovens entrevistados no tocante à consciência política [referência suprimida por conta do sigilo], além de expressar bem as duas dimensões que a religião exerce sobre os jovens, de acolhimento das almas desalmadas e da disputa para sua concepção de mundo.
[17] Cabe lembrar que "[...] em todas as formas de sociedade, é uma determinada produção e suas correspondentes relações que estabelecem a posição e a influência das demais produções e suas respectivas relações. É uma iluminação universal em que todas as demais cores estão imersas e que as modifica em sua particularidade." (Marx, 2011, p. 59).
[18] Com esta categoria, Willis (1991) dialoga com a noção gramsciana de senso comum (Gramsci 2006) e com os debates na tradição marxista sobre consciência de classe, sobretudo da ideologia como falsa consciência. Nesse sentido, a consciência prática, mesmo que contraditória e "aberta à distração e à influência momentânea" é, "em última instância", uma âncora na luta por significados e uma fonte privilegiada de informação, sendo falsa apenas se retirada do seu contexto (Willis, 1991, p. 155).

Fontes

ALEXANDRA. [*Entrevistas de história oral dos jovens do bairro Élisson Prieto*]. Bairro Élisson Prieto, Uberlândia – MG. 02 nov. 2015. Entrevista realizada pelos autores. p. 1-13.

ANTÔNIO. [*Entrevistas de história oral dos jovens do bairro Élisson Prieto*]. Bairro Élisson Prieto, Uberlândia – MG. 05 nov. 2015. Entrevista realizada pelos autores. p. 22-30.

EDUARDO. [*Entrevistas de história oral dos jovens do bairro Élisson Prieto*]. Bairro Élisson Prieto, Uberlândia – MG. 05 nov. 2015. Entrevista realizada pelos autores. p. 65-72.

ERNESTO. [*Entrevistas de história oral dos jovens do bairro Élisson Prieto*]. Bairro Élisson Prieto, Uberlândia – MG. 03 nov. 2015. Entrevista realizada pelos autores. p. 55-64.

PATRÍCIA. [*Entrevistas de história oral dos jovens do bairro Élisson Prieto*]. Bairro Élisson Prieto, Uberlândia – MG. 11 nov. 2015. Entrevista realizada pelos autores. p. 30-37.

PERFIL DOS JOVENS DO BAIRRO ÉLISSON PRIETO. 2015. Relatório elaborado a partir do *survey* efetuado entre 12 e 22 de agosto de 2015. Uberlândia – MG.

ROSA. [*Entrevistas de história oral dos jovens do bairro Élisson Prieto*]. Bairro Élisson Prieto, Uberlândia – MG. 10 nov. 2015. Entrevista realizada pelos autores. p. 13-22.

SIMONE. [*Entrevistas de história oral dos jovens do bairro Élisson Prieto*]. Bairro Élisson Prieto, Uberlândia – MG. 03 nov. 2015. Entrevista realizada pelos autores. p. 49-55.

TITO. [*Entrevistas de história oral dos jovens do bairro Élisson Prieto*]. Bairro Élisson Prieto, Uberlândia – MG. 09 nov. 2015. Entrevista realizada pelos autores. p. 37-49.

Referências

ABRAMO, Helena Wendel. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. *In*: ABRAMO, Helena Wendel; MARTONI, Pedro Paulo (org.). *Retratos da juventude brasileira*: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 37-72.

BABBIE, Earl. *Métodos de Pesquisas de Survey*. Tradução Guilherme Cezarino. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

BARBETTA, Pedro Alberto. *Estatística aplicada às ciências sociais*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.

DAYRELL, Juarez. *A música entra em cena*: o rap e o funk na socialização da juventude em Belo Horizonte. 2001. 412 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-52, set./dez. 2003.

DAYRELL, Juarez. A escola "faz" as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, out. 2007.

DE SORDI, Denise Nunes. *Moradia, trabalho e luta:* experiências, práticas e perspectivas sobre a ocupação de terras urbanas (Uberlândia 2000 – 2012). Uberlândia – MG: Navegando Publicações, 2017.

EISENSTADT, Shmuel Noah. *De geração a geração*. São Paulo: Perspectivas, 1976. (Coleção Estudos/41).

É O FLUXO. Produção de Roberto Camargos, João Augusto Neves. Uberlândia, 2014. Vídeo. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=OX5R_3KjX1g. Acesso em: 27 maio 2016.

[referência suprimida por conta do sigilo]

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. Vol. 1: Introdução ao estudo da filosofia. A filosofia de Benedetto Crocce. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

GROPPO, Luís Antonio. *Juventude*: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

GROPPO, Luís Antonio. Dialética das juventudes modernas e contemporâneas. *Revista de Educação do Cogeime,* Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 9-22, dez. 2004.

GROPPO, Luís Antonio. Condição juvenil e modelos contemporâneos de análise sociológica das juventudes. *Ultima Década*, Santiago, v. 18, n. 33, p. 11-26, Dec. 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD)*. 2013. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2013/default.shtm. Acesso em: 9 jun. 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Pesquisa Mensal de Emprego (PME).* Abr. 2015. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/defaulttab_hist.shtm. Acesso em: 9 jun. 2015.

LEVIN, Jack. *Estatística aplicada a ciências humanas*. Tradução Sérgio Francisco Costa. 2. ed. São Paulo: Harbra, 1978.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Os circuitos dos jovens urbanos. *Tempo Social*: revista de sociologia da USP, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 173-205, nov. 2005.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MARX, Karl. *Grundrisse:* manuscritos econômicos de 1857-1858. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.

MARX, Karl. *Contribuição à crítica da Filosofia do Direito de Hegel*. 3. ed. São Paulo: Boitempo, 2013a.

MARX, Karl. *O capital*: crítica da economia política. Livro 1: O processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013b.

PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 5/6, p. 15-24, maio/ago. 1997.

PORTELLI, Alessandro. Sonhos ucrônicos: memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. *Projeto História*, São Paulo, v. 10, p. 41-58, jul./dez. 1993.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre história oral. *Projeto História*, São Paulo, v. 15, p. 13-49, jul./dez. 1997.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. *In*: AMADO, Janaina.; FERREIRA, Marieta de Moraes. (org.). *Usos e abusos da história oral***.** 5. ed. Rio de. Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002. p. 103-130.

SECRETARIA GERAL DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA (SGPD); SECRETARIA NACIONAL DE JUVENTUDE (SNJ). *Mapa do encarceramento*: os jovens do Brasil (Série Juventude Viva). Brasília: Presidência da República, 2015.

SECRETARIA NACIONAL DE JUVENTUDE (SNJ). (2013). *Agenda Juventude Brasil* (Pesquisa de opinião pública). 2013. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/participacao/images/pdfs/participacao/pesquisa%20perfil%20da%20juventude%20snj.pdf. Acesso em: 9 jun. 2015.

SPOSITO, Marília Pontes. (Des)encontros entre os jovens e a escola. *In*: GAUDÊNCIO, Frigotto; CIAVATTA, Maria. (org.). *Ensino médio:* ciência, cultura e trabalho. Brasília: MEC, SEMTEC, 2004. p. 73-92.

THOMPSON, Edward Palmer. *A miséria da teoria ou um planetário de erros:* uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THOMPSON, Edward Palmer. *A formação da classe operária inglesa 1:* a árvore da liberdade. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

THOMPSON, Edward Palmer. *A formação da classe operária inglesa 2:* a maldição de Adão. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

VILANOVA, Mercedes. Pensar a subjetividade – estatísticas e fontes orais. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes. (org.). *História Oral e Multidisciplinaridade.* Rio de Janeiro: Diadorim. 1994. p. 45-74.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

WILLIAMS, Raymond. Base e superestrutura na teoria da cultura marxista. *In*: WILLIAMS, Raymond. *Cultura e Materialismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2011. p. 43-68.

WILLIS, Paul. *Aprendendo a ser trabalhador*: escola, resistência e reprodução social. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

WOOD, Ellen Meiksins. Democracia contra capitalismo: a renovação do materialismo histórico. São Paulo: Boitempo, 2003.